Ética e pensamento clínico no atendimento online¹

Cecil José Rezze,² São Paulo

Resumo: Durante a pandemia o método online foi adotado pela necessidade de atender os clientes, trabalhar no campo psicanalítico e receber proventos. O autor desenvolve esse tema em três áreas: 1) a necessidade da presença do cliente, sob o ponto de vista da experiência emocional, da transferência, da contratransferência, da identificação projetiva e de uma contribuição extra-analítica que assinala a acronia e a atopia; 2) o trabalho sem a presença do cliente, no viés do simulacro de experiência emocional, das transformações (privilegiando as transformações em conhecimento e em O) e da facilitação de resistências; 3) a mudança significativa em nosso modo de atender, em que o termo simulacro passa a ser o instrumento de investigação. A ética dependerá de uma experiência que ainda não temos, de vicissitudes pelas quais ainda não passamos e de um método de trabalho que não sabemos se vai ficar ou não.

Palavras-chave: acronia, atopia, simulacro, experiência emocional, transformações

A inesperada onda de coronavírus atingiu a coletividade de médicos psicólogos e psicanalistas de forma brutal, lançando-os no meio online, para o qual não estavam preparados e no qual não tinham experiência, exceto por alguns poucos colegas que esporadicamente haviam atendido nessa modalidade clientes que se deslocaram para locais distantes. No entanto, o método já era bem conhecido de grandes empresas, principalmente as multinacionais, por agilizar os negócios, economizar tempo e ser muito prático. Assim, nos lançamos vorazmente nesse ambiente pela necessidade de atender nossos clientes, trabalhar no campo psicanalítico e receber proventos. Tais urgências

1 Trabalho apresentado em reunião científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), no dia 24 de novembro de 2021.

2 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Analista didata do Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da SBPSP.

foram logo superadas pela praticidade do método e pelo fato de haver recursos tecnológicos para executá-lo.

Desenvolveremos este trabalho em três pontos. O primeiro fala da necessidade da presença do cliente. O segundo aborda o trabalho sem a presença do cliente, por meio do instrumento online, que pode até ser visto como favorável. O terceiro trata da mudança significativa em nosso modo de atender e considera que estamos diante de algo novo e desconhecido, embora as aparências possam fazer pensar o contrário.

Necessidade da presença do cliente

A experiência emocional

Todos nós temos a vivência de ouvir uma bela música, deliciar-se com um prato saboroso, admirar um vale repleto de árvores e um riacho ao fundo, assustar-se com um súbito trovão, sentir repugnância frente a um objeto apodrecido, ter medo de barata ou de rato etc. Enfim, todas essas vivências se caracterizam por haver uma *sensação*, algo ligado aos órgãos dos sentidos, e um *sentimento* ou *emoção*, correspondente a tais vivências. Temos aí a *experiência emocional*.

Bion dedica o livro *O aprender com a experiência* (1962/1966a) ao processo de aprender com a experiência emocional, que permite que as sensações e emoções antes descritas estejam sujeitas à função alfa, possibilitando a transformação desses elementos em elementos alfa, os quais terão a capacidade de se transformar em sonho, pensamento onírico de vigília, mito, e de forma progressiva alcançar o que no eixo psicogenético evolui de elemento beta a teoria científica e cálculo algébrico. Esse desenvolvimento será considerado em *Os elementos da psicanálise* (Bion, 1963/1966b), onde se criará uma grade para melhor abordar essas ideias. O aprender com a experiência emocional culmina com o *conhecimento*, o *vínculo K*, o que nos liga diretamente ao *pensamento* e ao *aparelho para pensar*.

No viés em questão, a presença do cliente é indispensável, pois é através da função alfa que os elementos mencionados – sensações e emoções – são transformados em elementos alfa, os quais permitirão o desenvolvimento do aparelho para pensar, tanto no que se refere ao pensar primitivo como no que se refere ao pensamento sem pensador.

Esse é o embasamento teórico que eu daria para mim se permanecesse apenas no atendimento presencial.

A meu ver, um trabalho clínico que atende essa exigência conceitual é o de Antônio Carlos Eva, “Eu psicanalista e o coronavírus” (2020), que faz rica descrição das vicissitudes pelas quais o autor passou ao manter sempre firme e constante a sua escolha.

Sabendo do que podia fazer da minha parte, me informei e pude conversar com cada analisando sobre a disposição que havia com ele. Uma parte maior respondeu não, com motivos variados, desde pavor e pronto até falta de condições materiais de transporte.

No entanto, o autor não precisou dessa teorização para manter sua linha de trabalho. Ele até se permitiu discorrer francamente sobre de que forma tomou sua decisão.

Preciso informar que não atendo nenhum analisando à distância, por escolha feita, sem uma explicação boa. Esse fato me obriga a reexaminar o que chamo de experiência emocional. A questão é igual ou parecida com o que será preciso fazer com a transferência e a contratransferência.

O autor sugere a necessidade de reexaminar o conceito de experiência emocional e também o de transferência e contratransferência – e eu acrescentaria todos os conceitos que são tomados no novo meio online.

Transferência, contratransferência e identificação projetiva

Como conceituação em que prevalece a distinção destes elementos – transferência, contratransferência e identificação projetiva – e a importância da presença de analista e analisando, vamos considerar um trabalho de Luiz Meyer, “Notas sobre o atendimento à distância” (2020), em que de início o autor apresenta sua posição sobre essa prática: “Penso que estamos, na verdade, diante de uma mudança radical no modo como o vínculo psicanalítico se estabelece e opera”. No desdobramento do trabalho, conceitua o que chama de *neo-setting*, ponto a que retornaremos adiante. No momento, gostaríamos de salientar o valor que Meyer confere à presença dos componentes da dupla.

A vida afetiva experienciada pela dupla movimenta esse campo e filtra através dele, sendo apreendida como transferência e contratransferência nas suas modalidades inúmeras: surpresa, rejeição, insight, protesto, envolvimento amoroso, sedução, provocação, acolhimento, excitação etc. A condição de possibilidade para a constituição desse campo é a vivência de corporeidade reciprocamente experimentada por paciente e analista.

Ele prossegue ressaltando a importância da presença quanto à intimidade, exemplificando com a identificação projetiva.

O hiato entre os corpos cria espaço para um percurso, para o itinerário a ser percorrido tanto pelo discurso “informativo” quanto pela comunicação da intimidade (por exemplo, a que se faz via identificação projetiva). A operação fantasiosa de excisão de uma parte do self e de seu alojamento em um outro continente ganha visibilidade justamente devido à presença desse outro que está ali, contíguo, disponível na sua concretude para recebê-la (ou para refutá-la).

Considerações oriundas de referenciais extrapsicanalíticos

Um comentário que pode ser feito, e com o qual estou de acordo, é que nós, psicanalistas, para refletir e pesquisar sobre nosso trabalho, também usamos teorias ou reflexões psicanalíticas. Ao pensar sobre o uso psicanalítico online, verifico que penetramos em um lodaçal, onde se fazem discussões acirradas sobre a era da internet, que veio transformar costumes, moral, economia, ensino – enfim, um novo desafio para a humanidade.

Stefano Giorgi, no texto “Amor jogado online” (2018), levanta a questão: “No mundo online, a visão tradicional de um relacionamento amoroso é possível?”.

O coreano Byung-Chul Han, professor de filosofia e estudos culturais da Universidade de Berlim, em seu livro *No enxame*, observa: “A mídia digital não tem idade, destino e morte. Nela o tempo é congelado. Ela é uma mídia atemporal” (2013/2018, p. 57).

Marilena Chauí, antes do surgimento do coronavírus, na palestra “Espaço, tempo, mundo virtual” (Café Filosófico CPFL, 2017), abordou o tema em grande escala. Vou apresentar alguns extratos dessa palestra que podem sinalizar como delimitamos um objeto para as nossas considerações.

A autora introduz a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, da qual destaco dois pontos: 1) não somos uma consciência cognitiva pura, somos uma consciência encarnada num corpo; 2) existe o mundo como lugar onde vivemos, onde vivemos com os outros, rodeados pelas coisas, um mundo qualitativo, de cores, sons, odores, texturas, figuras, fisionomias, obstáculos, caminhos, lembranças, um mundo afetivo, um mundo com os outros, de conflito, de luta, de esperança, de paz.

Vocês podem já imaginar o que acontece na hora em que a gente não tem a referência do espaço, do tempo, como o centro da nossa experiência. Porque eu acho que é isso que acontece com a experiência da internet, do computador, do mundo virtual. Não é mais essa, é uma outra experiência, mas essa não é mais. O que se passa quando *a espacialidade e a temporalidade* do nosso corpo e da nossa experiência se perdem na *atopia*, ou seja, na ausência de lugar, ausência de espaço, e na *acronia*,

isto é, na ausência do tempo? São duas ausências, a *atopia* e a *acronia*, que *caracterizam* o mundo virtual. É isso que é o mundo virtual, um mundo *sem espaço e sem tempo* (Café Filosófico CPFL, 2017, 6:09, grifos nossos)

Os três autores mencionados convergem quanto à importância da presença quando tratamos da vida humana e, especificamente, da psicanálise.

Trabalho sem a presença do cliente

Teorização sobre o simulacro (suposição, simulação) de experiência emocional

Para relacionar o atendimento online com a experiência emocional, vou lançar mão de situações clínicas e descrever como orientei a mim e ao cliente a respeito das condições de atendimento.

Tanto aos clientes que já trabalhavam comigo quanto aos que iniciaram a análise online, solicitei que ficassem deitados em um divã ou equivalente e pusessem o celular, tablet ou notebook numa posição atrás de sua cabeça, numa inclinação que permitisse ver o corpo e parte do rosto. Eu procurava algo *parecido* com o que faço presencialmente. Também combinei que eu chamaria por WhatsApp, FaceTime ou Skype, de acordo com o aplicativo que o cliente tivesse, procurando *semelhar* a meu consultório, onde recebo o cliente pessoalmente.

Um exemplo. Ligo pelo Skype. A cliente atende manipulando os fios do fone de ouvido, diz algo que não ouço claramente, mas continua e se deita. Pergunta se está bom. Eu digo que está afundada (podia ser divã ou cama). A cliente diligentemente levanta o corpo e procura modificar a posição do aparelho emissor, conforme minha solicitação, e ela mesma, olhando a imagem, diz: “Agora está bom?”. Digo: “Está” (às vezes agradeço, às vezes não; não sei por que a diferença). Essas providências, tomadas para obter uma boa imagem, se findam. Após um breve silêncio, a cliente diz que teve um sonho. Indago a mim mesmo: a análise vai começar? Parece que, para a cliente, sim. No entanto, para mim já foram suscitadas várias situações que tomaram minha atenção. Está mexendo nos fios do fone e ainda não está disponível para o encontro? Ela pergunta se está bom, e eu fico sem saber se está obedecendo a uma ordem, se quer me agradar ou se devo supor que é só o atendimento mecânico combinado. Vou ao sentido objetivo da pergunta e respondo que está. E me questiono: seria oportuno agora tratar das vivências que tive e com isso assinalar os afetos – meus e dela – que permeiam esses atos ocorridos como meras providências operacionais? Na realidade “está bom” e não está. Na primeira tentativa, vejo todo o corpo da paciente; na segunda, apenas parte do tronco e a cabeça. Passo a conversar com essa *imagem*, de início insatisfatória. Acho melhor não solicitar nova mudança.

Não fico à vontade para isso. Daqui a pouco me acostumo. Novamente uma proposição operacional. E os sentimentos e afetos não geraram uma vivência nesse momento? E da parte da cliente, o que se passa nessa breve pausa, antes de narrar o sonho? Não sente a minha observação – “Está afundada” – de forma particular? Uma outra cliente começou a rir e disse que era engraçado eu falar daquela forma. Esta cliente não fez comentário nenhum. Tentei descrever e conjecturar estados emocionais ocorridos nesse início de sessão.

Outro exemplo. Depois de um início de sessão que se assemelha ao descrito antes, prosseguimos. A cliente está me dizendo algo e de súbito acontece o que chamamos congelamento de imagem e voz. Fica nítida a impressão da imagem imobilizada e a sensação de que não eu estava conversando com a cliente, mas *com sua imagem e o produto de sua voz*. Ao que parece, a cliente não teve notícia do fato (congelamento da imagem). Então, anoto-o e pergunto: “Pode repetir o que você disse?”. Essa situação pode se dar de maneira inversa e a cliente fazer a pergunta. Isso fragmenta a conversa, e já não estamos mais no estado emocional anterior.

Novo exemplo. A sessão está em andamento. Como na anterior, percalços vão acontecendo e por fim a comunicação cai. Tento retornar e leio na tela que a comunicação está instável. Fico em dúvida, mas tento a volta. Silêncio na comunicação. Fico desconfortável. Ligo pelo WhatsApp, ela atende: “Hoje está difícil”. Eu: “Sim. Podemos continuar pelo WhatsApp?”. Ela: “Sim. Onde a gente estava mesmo?”. A proposta é a continuação porque os acontecimentos descritos começam a fazer parte do cotidiano do método, tornam-se familiares, são quase uma rotina à qual nos acostumamos. No entanto, houve um verdadeiro tumulto, dúvidas, incertezas, esta sessão vai continuar ou não, está tão difícil, seria melhor suspendê-la. A pergunta “Onde a gente estava?” propõe seguir adiante deixando à margem uma catástrofe operacional – e, acrescento, emocional. Comento com a cliente sobre esses fatos e pergunto se eles não a tocaram. Responde de pronto: “É claro. Fiquei com muita raiva”. A partir daí, o encontro tomou outro rumo.

Assim, digo aos clientes as condições que para mim são necessárias ao trabalho online e solicito-as. Isso aparece no texto como “procurando semelhante a meu consultório” – procurando, portanto, atender a minha necessidade da presença física e emocional do cliente. O que se forma será uma *simulação* do que acontece no consultório ou, usando outro termo, um *simulacro*?

Tomemos o primeiro exemplo. Para a paciente, passam batidos os seus afetos e sensações quanto ao início do contato. Esse fato desencadeia uma série de sensações e emoções no analista, o que o leva a uma série de conjecturas acerca da experiência emocional que está em curso. Podemos supor que o analista pode fazer uso da *função alfa* e caminhar para realizar uma série de pre-concepções, que se tornam concepções do analista naqueles acontecimentos.

Estas não são comunicadas ao cliente, mas não deixam de ser concepções. O analista não se sente à vontade para dizer à cliente que “não está bom” e observa mentalmente: “Daqui a pouco me acostumo”. Podemos comentar isso em duas direções. A primeira, de bom senso, é considerar que se trata de uma característica do sistema que não pode ser mudada. A segunda é o que na grade (Bion, 1963/1966b) podemos colocar na coluna psi, ou seja, negação da angústia gerada pela intrusão de um elemento externo e incontrolável – a operação online –, que determina a ação de não solicitar nova troca de posição. Posso *supor* estarmos operando no referencial de *experiência emocional*.

No segundo exemplo, surge o congelamento de imagem e voz, o que me leva a perceber que estou *diante de um artefato*, e não de uma pessoa. Sinto claramente um estranhamento e por um momento a ausência da pessoa, pois fica uma imagem imobilizada, *um objeto sem vida para mim*, embora a cliente possivelmente tenha continuado a falar. Posso dizer que descrevo claramente uma vivência diante de um agente externo, fora do meu alcance. Para o prosseguimento da sessão, faço uma cisão, de forma que, *respeitando o método online*, deixo à margem a situação descrita e me atenho a dar ciência à cliente do fato e solicitar a ela que repita o que dissera antes. Essa ação do analista pode ser vista de duas maneiras diferentes: como a condição do analista de ser capaz de pensamento e de poder propor uma ação eficaz para a cliente, algo a ser considerado na grade como concepção ou conceito em ação; ou, em outra direção, como a negação das sensações e emoções descritas no início do parágrafo, considerando-se concepção ou conceito na coluna psi. Ainda *suponho* estarmos operando no referencial de *experiência emocional*.

No último exemplo, estamos diante de um tumulto operacional e emocional. O operacional vai sendo tratado em etapas sucessivas, visando a consecução da sessão. É possível observar como a dupla se envolve com a tarefa e destacar um reconhecimento rotineiro. O analista dá ciência à cliente do tumulto emocional, não o excluindo da vivência comum, o que permite a ela manifestar sua vivência: raiva. A partir daí, seguem-se novos desdobramentos. Ainda *suponho* estarmos operando no referencial de *experiência emocional*.

A conclusão é que, se considerarmos que a vivência é de experiência emocional, ela não foi estimulada por uma dimensão humana, mas por uma interferência externa, que fez o analista viver a experiência emocional diante de um fator sem vida, e não diante do cliente.

Teorização sobre as transformações

Chamo a cliente pelo Skype, e ela atende. Prosseguimos, como de “hábito”, online. Ela aparenta sentir-se satisfeita. Dou notícia disso a ela, que

responde afirmativamente e inicia uma prosa contando estar contente e sentir que vem descansar, porque a sua situação está muito pesada lá fora. Narra uma série de acontecimentos em que é muito exigida e os quais ela faz tudo para atender. Um dos atendidos, porém, lamenta quando ela tem de sair para o trabalho e pede que ela fique. Pondera, aparentemente comigo, se não é demais o que solicitam dela. Comento que ela está numa conversa comigo parecida com uma conversa social, em que uma pessoa diz uma coisa, e outra pessoa diz algo mais, de preferência de acordo com a primeira. Bem-humorada, observa: “Está aí uma boa ideia”. Prosseguimos, e ela conta sobre outro familiar, o qual atendeu numa emergência e agora solicita que o acompanhe no desdobramento desse atendimento. A conversa continua. Ela fica um pouco em silêncio e a seguir diz que vieram diversas ideias a sua cabeça. Narra uma delas e me pergunta o que ela poderia fazer. Parece-me que de súbito toda a sessão me vem à mente e eu digo: “Você conversa comigo tendo-me como seu provedor”. Ela se surpreende e penso que teve um insight. Devo esclarecer que vão ocorrendo alguns fatos familiares ou habituais, que vou deixando à margem, como meu “incômodo” por ter apenas a imagem do tronco e da cabeça da pessoa, pois fica saliente a sensação de imagem, interferindo no andamento da convivência.

Concluo que a afirmação do analista é de ordem intuitiva, mas o que resultou – o insight – é o que podemos chamar de *transformação em conhecimento*.

A teorização exigirá recursos concernentes a *Transformações* (Bion, 1965/1983) e *Atenção e interpretação* (Bion, 1970/1973).

O andamento da sessão sugere que vão se formando situações comuns em muitas descrições de situações clínicas de análise, ou seja, dando e trocando informações do que se passa na sessão. É um movimento contínuo, mas que culmina com uma visão de toda a sessão – “Você conversa comigo tendo-me como seu provedor” –, fruto de uma *visão intuitiva* do que vinha se passando. A cliente se surpreende, e creio que teve um insight sobre algo de si mesma. Essas considerações foram feitas para destacar que o conceito pertinente é o de transformações em conhecimento.

Teorização sobre as transformações em O

As transformações antes mencionadas se deram em conhecimento, e Bion (1970/1973) ressalta a importância de elas se transformarem em O (realidade última, verdade absoluta, o ente supremo, o infinito, a coisa em si), ou seja, a passagem de conhecer para “ser”, “tornar-se”.

Para me aproximar do conceito de transformações em O, vou necessitar de uma situação clínica que favoreça tal empreitada. Ao contrário do exemplo

anterior, este se torna muito menos claro descritivamente, e o alcance só é possível de forma intuitiva, o que por outro lado depende de cada analista “ser analista” ou “tornar-se analista” naquele momento.

Vejam a situação clínica. Tento retomar a lembrança da situação que se desenvolveu e logo vejo que a memória se mostra esgarçada, mas retém a essência do que pretendo comunicar. O encontro acontece online. Há um clima emocional favorável, que me remete – quando escrevo – à ideia de uma relação comensal (Bion, 1962/1966a) entre continente e contido, numa relação de reciprocidade. Após algumas trocas de palavras, a cliente começa a descrever algo dos sentimentos naquele momento. Associa com outras vivências, dando-me a impressão de que está em comunicação comigo. aguardo em silêncio, tendo a impressão de que há uma ligação entre nós e que cabe a mim, no momento, ficar em silêncio, pois sinto que qualquer fala seria prematura. Além disso, não me ocorre o que falar, parecendo-me uma abertura desta cliente para algo nunca surgido anteriormente. Há um breve silêncio. A seguir, a cliente diz que o meu silêncio foi o que precisava ser, porque ela se sentiu acompanhada por mim em um movimento de expansão, como nunca pudera fazer antes. Tomei o caráter de autenticidade das vivências dela e minhas, e disso dei ciência a ela ou a nós. O clima de afetos envolvidos é indescritível.

Mesmo sabendo que qualquer situação clínica dá margem a que se faça uma incursão pessoal nela, apelo às ou aos ouvintes para que se abstenham temporariamente de tal atividade, a fim de que possam acompanhar o ponto de vista proposto.

Para qualquer comentário a respeito, devo de início salientar que o instrumento psicanalítico que está em ação é o da intuição, sempre presente em nossa atividade quando se trata de investigar a realidade psíquica. Sugiro que houve transformação em O. Essa experiência se dá no campo psicanalítico. No entanto, a afirmação de que ela se deu só pode ser *conjeturada* com os dados da observação clínica, após o acontecimento. Assinalo que acredito ter acontecido transformação em O. No entanto, para um sentido mais positivo da afirmação, talvez precisemos de outro conceito: fé (Bion, 1970/1973).

A descrição clínica feita é compatível com a cliente “ser ela mesma” e o analista “ser ele mesmo”, uma vivência *at-one-ment*, ou seja, podemos postular um O comum entre os instrumentos que estamos usando.

○ sistema online pode ser considerado vantajoso

Penso ter ficado claro que uso o sistema online com ressalvas, porém ele pode ser considerado vantajoso por outros estudiosos.

Com relação ao uso da imagem sonora e visual no atendimento frente a frente, tomo como referência o rico trabalho clínico e teórico de Julio H. Gheller “Atendimento online e sexualidade” (2021), em que lemos: “Estes [atendimentos online] têm sido surpreendentemente eficazes, até mesmo com pacientes se dispondo a um maior aprofundamento em questões da ordem do sexual. A distância, em alguns casos, contribuiu para dissolver resistências e explicitar questões transferenciais”. A visão do autor se amplia. Tomo dois fragmentos que nos ajudam a pensar no tema que estamos desenvolvendo.

A maior facilidade de exposição em alguns casos do atendimento remoto merece reflexão. Não se pode desprezar a vergonha como promotora de resistências nas sessões presenciais. A questão a levar em conta é que, desde que a transferência se instala, o analista vai sendo colocado na posição de causa do desejo do analisando, ou seja, a posição do Outro da demanda, para quem são dirigidas as demandas de amor. Assim, o analisando vai, inconscientemente, esperar que o desejo do analista reproduza o desejo do Outro, tal como foi sendo introjetado e interpretado em contato com as figuras parentais no começo da vida.

Na sequência, ele complementa: “Assim, fica reforçada a noção de que a transferência está decididamente presente nos processos online”.

João Carlos Braga (2020) oferece outra contribuição significativa. Nestes meses de pandemia, o desenvolvimento do processo analítico lhe permitiu maior acurácia para o uso da intuição em relação aos estímulos sensoriais oriundos da experiência emocional, facultando que privilegiasse as transformações em O, “ser” ou “tornar-se”, em vez das transformações em conhecimento.

Mudança significativa em nosso modo de atender

Pelo que pude pesquisar, há um acordo geral de que existem mudanças significativas na forma de trabalhar online, o que me permite conjecturar se estamos exercendo uma atividade que não seja a psicanálise como a conhecemos universalmente, e sim outra área do fazer e do conhecer, oriunda da psicanálise, mas que dela difere tão extensamente que só com o tempo e a experiência poderemos saber do que se trata e dar-lhe um nome.

Por essa razão, durante todo o texto evitei usar termos como novo setting, neo-setting ou setting modificado, pois isso seria sancionar a ideia de que estamos operando com a psicanálise e suas modificações, algumas até mesmo de aprimoramento, o que nos levaria *a conjecturar se o método online não poderia substituir o presencial em termos definitivos ou alternativos*.

Para refletir sobre o tema desta seção, vou estabelecer uma diferença entre a necessidade da presença do cliente e o trabalho sem a presença do cliente, seguindo a estrutura anterior do texto.

Necessidade da presença do cliente

Ao declarar a necessidade da presença do cliente, afirma-se que a ausência real do cliente requer que algo funcione como sua presença, ou seja, que haja um substituto para a ausência. No meu texto, uso a palavra *semelhar* – “procurando *semelhar* a meu consultório” –, que sugere a simulação de algo ausente. Já no texto de Luiz Meyer (2020) aparece o termo *simulacro*.

Tomemos do livro *Simulacros e simulação*, de Jean Baudrillard, a citação da epígrafe: “O simulacro nunca é o que oculta a verdade – é a verdade que oculta que não existe. O simulacro é verdadeiro” (1981/1991, p. 7).

Ao considerar tal citação em relação às imagens que temos online em nosso trabalho clínico – como eu disse antes, “No segundo exemplo, surge o congelamento de imagem e voz ... um objeto sem vida para mim” –, essas imagens são o simulacro, o qual não oculta a verdade, mas é a verdade que oculta (esconde) que ela não existe. No entanto, fica criado algo que é o simulacro e que existe, ou seja, as imagens da sessão passam a se constituir em algo que existe por si só. Nessas condições, é verdadeiro como o artefato a que me refiro. Levando para a situação clínica, esta não existe como real, porém temos um substituto, que existe por ele mesmo. Nesse sentido, é real e pode ser estudado.

Continuemos com Baudrillard, no tópico intitulado “A irreferência divina das imagens”: “Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência” (p. 9).

Quando usamos o termo *simulação* para as imagens auditivas e visuais que obtemos no computador, isso significa que estamos fingindo ter algo – *psicanálise* – que não temos. Portanto, os psicanalistas que só podem fazer o trabalho presencialmente se recusam a fingir que estão trabalhando em *psicanálise*.

Concluindo o viés que acabamos de estudar – simulacro e simulação –, cabe razão ao psicanalista que só opera presencialmente que assim o faça. Por outro lado, isso abre o campo para considerar que estamos estudando outro objeto – que não se confunde com a *psicanálise* –, ligado às modificações profundas que a revolução digital trouxe para a humanidade e das quais sofremos amplamente as consequências em clima de ignorância e perplexidade.

Trabalho sem a presença do cliente

Sigo estudando a mudança significativa em nosso modo de atender (ainda evitando os termos novo setting, neo-setting ou setting modificado), agora sem a presença do cliente.

Desenvolver o pensamento clínico torna-se mais difícil porque, nos inúmeros trabalhos que se apresentam, surgem numerosos vértices teóricos psicanalíticos, numa multidão de descrições clínicas, em que, de par com algumas queixas do método, aparecem pontos favoráveis, mas com escassa reflexão sobre o que realmente está sendo realizado em relação ao método online. Tenho procurado acompanhar o tema nos diversos tipos de apresentação em que se mostra.

Prosseguindo, vou relatar uma situação vivida por mim. A cliente está em uma sala. Acomoda-se em um sofá, procurando favorecer-me na posição que está tomando, mas não consegue lidar com o som. Após algumas tentativas, chama em voz alta: “Alberto, venha me ajudar aqui!”. Ouço o barulho de passos subindo o que identifico como uma escada, e logo a pessoa dirige a atenção para a cliente e comenta: “Mas eu já falei como él”. Parece acertar o som, de raspão diz “Olá, Cecil” e vai embora.

Esse é outro fator no novo modo de trabalhar. Não conhecemos o lugar onde o paciente vive. As pessoas que o cercam estão de boa-fé? Outras pessoas podem de alguma forma ouvir o que se passa, gravar som e imagem para fins que desconhecemos, ficar sabendo de intimidades do cliente que poderão ser exploradas para fins destrutivos contra o cliente ou o analista e, em última análise, contra o trabalho que está sendo realizado?

Retomando as ideias: no primeiro bloco, procurei objetivar a coerência do não atendimento online com as teorias que lhe dão sustentação; no segundo bloco, tive o mesmo procedimento; neste terceiro bloco, assim como nos blocos anteriores, considere um universo em expansão, que excede os anteriores e que igualmente clama por teorização competente.

Ética

Para fins de delimitação do campo psicanalítico, farei citações de Ana Maria Stucchi Vannucchi (2021), com o intuito de tecer considerações sobre a ética no método online. De início, uma explicitação do campo: “Todos esses elementos nos aproximam da ética e da convicção de que o fazer psicanalítico se constitui numa ética, regida pela capacidade de pensar e manter a função psicanalítica em funcionamento, para que possamos nos aproximar do objeto psicanalítico”.

A seguir, a distinção entre moral e ética será substrato para o desenvolvimento de considerações sobre o comitê de ética das sociedades psicanalíticas:

Para investigar esse percurso começamos, como vários colegas que nos antecederam, pela necessidade de discriminar entre ética e moral, considerando a ética um trabalho constante de reflexão e levantamento de dúvidas, e a moral ligada à obediência de um determinado código de normas e leis.

Feita essa introdução, mergulhemos no método online. A princípio, posso considerar que estou diante de uma situação que atinge toda a humanidade, ou seja, o surgimento da era da internet. Como vimos, Marilena Chauí cita a descrição que Merleau-Ponty faz do ser humano, o que relacionamos com o texto que estamos desenvolvendo. A autora explora a nova situação humana frente às dimensões de seres espaciais e temporais: “São duas ausências, a atopia e a acronia, que caracterizam o mundo virtual. É isso que é o mundo virtual, um mundo sem espaço e sem tempo” (Café Filosófico CPFL, 2017, 6:23).

Até este ponto, podemos considerar que os psicanalistas têm usado o modo online como um espaço privilegiado, quase uma ilha, e não o enorme continente da internet, com sua extrema complexidade. Na impossibilidade de alcançar o enorme acervo que se formou, apresentarei alguns excertos com os quais posso tentar formar uma conclusão sobre a ética na clínica online.

Partindo do todo, vemos surgir na era da internet um poder que, através das imagens, produz um mundo não real que substitui o real, criando valores que não liberam os desejos, mas os subjagam pela criação de uma sociedade de consumo. A liberdade foi substituída por um controle de massa, que impõe ao indivíduo a aquisição de bens alienantes em relação aos valores sociais, constituindo um repertório amplo, que no conjunto ameaça o bem maior da democracia.

A linguagem e a cultura se achatam. Elas se tornam vulgares. ... Refugiamo-nos nas imagens para sermos melhores, mais bonitos e mais vivos. A mídia digital realiza uma inversão icônica, que faz com que as imagens pareçam mais vivas, mais bonitas e melhores do que a realidade deficientemente percebida. (Han, 2013/2018, pp. 38 e 53)

Toda a questão que se coloca é a de saber quem tem a gestão de toda essa massa de informação, quem tem o centro coletor e distribuidor dessa gigantesca massa de informação, e portanto a pergunta é: quem tem o poder? (Café Filosófico CPFL, 2017, 22:31)

Na sociedade de informação contemporânea, na qual o Estado e o mercado se fundem cada vez mais, as atividades da Acxiom, do Google e do Facebook se aproximam das atividades de um serviço secreto. Frequentemente eles se servem da mesma equipe. E algoritmos do Facebook, de bolsas e de serviços secretos executam operações semelhantes. Aspira-se em todo lugar a uma exploração máxima da informação. (Han, 2013/2018, p. 126)

Ao juntar essas considerações às do tópico “Mudança significativa em nosso modo de atender”, verificamos como as citações anteriores de Vannucchi se situam num campo que tende ao infinito. A conceituação da ética na clínica online dependerá de uma experiência que ainda não temos, de vicissitudes pelas quais ainda não passamos, de um método de trabalho que não sabemos se vai ficar ou não. No entanto, estamos enfrentando os riscos, as dúvidas, as incertezas daquilo que se vai conhecendo cada vez mais. Oxalá consigamos tirar o melhor proveito possível dessa tecnologia!

Ética y pensamiento clínico en la atención online

Resumen: Durante la pandemia, se adoptó el método online debido a la necesidad de atender a los clientes, trabajar en el campo psicoanalítico y recibir ingresos. El tema se desarrolló en tres áreas. 1) Se destacó la necesidad de la presencia del cliente, examinada desde el punto de vista de la experiencia emocional, la transferencia, la contratransferencia, la identificación proyectiva y el aporte extra analítico que marca la acronía y la atopia. 2) Desarrolla el trabajo sin la presencia del cliente en los puntos de vista: simulacro de experiencia emocional; transformaciones privilegiando las del saber y del O; facilitación de las resistencias. 3) Cambio significativo en la forma de cuidar – el término simulacro se convierte en instrumento de investigación. La ética dependerá de una experiencia que aún no tenemos, de vicisitudes por las que aún no hemos pasado, de un método de trabajo que no sabemos si permanecerá o no.

Palabras clave: acronía, atopia, simulacro, experiencia emocional, transformaciones

Ethics and clinical thinking in online care

Abstract: During the pandemic, the online method was adopted due to the need to serve clients, work in the psychoanalytic field, and receive income. The theme was developed in three areas. 1) The need for the client's presence, examined from the point of view of the emotional experience, transference, countertransference, projective identification, and extra-analytic contribution that marks achrony and atopy. 2) The work without the client's presence in the following biases: simulacrum of the emotional experience; transformations privileging those in knowledge and

in O; facilitation of resistances. 3) The significant change in the way we provide care – the term simulacrum becomes the instrument of investigation. Ethics will depend on an experience that we do not yet have, on vicissitudes we have not yet passed through, on a method of work that we do not know whether it will remain or not.

Keywords: achrony, atopy, simulacrum, emotional experience, transformations

Éthique et pensée clinique dans les soins en ligne

Résumé : Pendant la pandémie, la méthode en ligne : a été adoptée en raison du besoin de soigner les clients, de travailler dans le domaine psychanalytique et de percevoir des revenus. L'auteur développe ce thème dans trois domaines : 1) le besoin de la présence du client examiné sous le point de vue de l'expérience émotionnelle, du transfert, du contre-transfert, de l'identification projective et de la contribution extra-analytique qui signale l'absence du facteur temporel et l'atopie ; 2) le travail sans la présence du client, par le biais du simulacre de l'expérience émotionnelle, des transformations – privilégiant les transformations en connaissances et celles en O – et de la facilitation des résistances ; 3) le changement significatif dans notre manière de soigner où le terme simulacre devient l'instrument d'investigation. L'éthique dépendra d'une expérience que nous ne possédons pas encore, de vicissitudes par lesquelles nous ne sommes pas encore passés et d'une méthode de travail que nous ne savons pas si elle restera ou non.

Mots-clés : absence du facteur temporel, atopie, simulacre, expérience émotionnelle, transformations

Referências

- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação* (M. J. C Pereira, Trad.). Relógio d'Água. (Trabalho original publicado em 1981)
- Bion, W. R. (1966a). O aprender com a experiência. In W. R. Bion, *Os elementos da psicanálise* (P. D. Corrêa, Trad., pp. 11-117). Zahar. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1966b). *Os elementos da psicanálise* (P. D. Corrêa, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação* (C. H. Pinto, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (1983). *Transformações: mudança do aprendizado ao crescimento* (C. H. Pinto, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Braga, J. C. (2020). *Experiência emocional e tratamento psicanalítico à distância* [Texto não publicado].
- Café Filosófico CPFL. (2017, 21 de fevereiro). *Espaço, tempo, mundo virtual: Marilena Chauí* [Vídeo]. YouTube. <https://bit.ly/361V71J>
- Eva, A. C. (2020). *Eu psicanalista e o coronavírus* [Texto não publicado].

- Gheller, J. H. (2021, 3 de julho). *Atendimento online e sexualidade* [Apresentação de trabalho]. Reunião científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Giorgi, S. (2018). *Amor jogado online* [Texto não publicado].
- Han, B.-C. (2018). *No enxame* (L. Machado, Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 2013)
- Meyer, L. (2020, novembro). *Notas sobre o atendimento à distância* [Apresentação de trabalho]. Reunião científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Vannucchi, A. M. S. (2021). *Ética, pensamento clínico e seus paradoxos* [Texto não publicado].

Recebido em 4/3/2022, aceito em 18/3/2022

Cecil José Rezze
cjrezze@gmail.com